

1) Como você define hoje sua orquestração, sua atual abordagem do aparato orquestral?

Mehmari: Na minha composição orquestral, a idéia da orquestração já aparece no primeiro momento. Não crio uma parte de piano e depois distribuo as vozes para os instrumentos. Ou então já componho ao piano ouvindo mentalmente a instrumentação para aquela passagem ou trecho. A orquestração para mim é inseparável da composição tanto quanto os elementos de harmonia, contraponto etc.

2) Orquestrar é uma diversão?

Não pode haver atividade mais terrivelmente desafiadora na música do que a composição, hoje em dia, acredito. No entanto, não posso reclamar das imensas alegrias que esta atividade me deu, através mesmo dos desafios que me propõe diariamente. Especificamente sobre orquestração, como disse anteriormente, não enxergo este processo separadamente da própria composição em si.

3) De qual dança da suíte de Purcell você extraiu o tema?

Esta peça é o prelúdio para o quinto ato do "The Fairy Queen".

4) Que tratamento esse tema recebeu nos vários movimentos de sua Suíte? (Ou de que maneira ele retorna ao longo da obra?).

Essencialmente o tema foi variado nas danças da suíte mas a peça está longe de ser "tema e variações". Na verdade, no meu imaginário, Purcell seria uma espécie mestre de cerimônias deste "baile fantástico", com direito a cronópios e famas, além dos habituais humanos.

- 5) Há algum interesse especial pelas técnicas de *basso ostinato* usadas por Purcell em suas chaconas e passacalhas? Algo que aproxime o barroco da música popular brasileira?

Isso sempre me interessou enormemente. Sempre achei semelhanças nítidas entre a prática de musica barroca e a boa música popular. A partitura de baixo contínuo é muito parecida com a partitura de um pianista ou violonista popular: o baixo cifrado, poucas indicações na partitura e enorme espaço para “colorir” aquela harmonia, ornamentar, com bom gosto e critério no estilo, claro. Os “grounds” Purcellianos, especialmente, são sempre belos. Recentemente criei um arranjo para ‘Eu te Amo”, do Chico e do Tom, para a OSESP. Início o arranjo com o ground cromático da morte de Dido. O baixo também desce cromaticamente na música do Tom Jobim. Me divirto com esses paralelos improváveis.

- 6) Qual movimento da sua Suite apresenta maiores desafios ao regente?

Acredito que o “Maracastrava” pelas persistentes síncopas e mudanças de compassos. O equilíbrio orquestral ali também é delicado e deve ser trabalho em detalhe.

- 7) Pelos seus comentários sobre a peça, nota-se certo bom humor e mesmo um envolvimento crítico com o atual momento político do país, algo que faz pensar em Gilberto Mendes... Você pode comentar brevemente essas duas questões: humor e política na música

Estou longe de ser um cara “engajado”, mas não posso deixar de colocar na minha música as inquietudes do momento atual. Na época em que o infame reality show “mensalão” começou a se revelar, fiquei muito decepcionado e desesperançoso. Esse aspecto cômico da política já estava no “discurso político”, que é uma das

“sete miniaturas” que escrevi para quinteto de sopros, gravadas agora brilhantemente pelo Quinteto Villa-Lobos.

8) Em que medida sua suíte dialoga com outras releituras da música barroca, como Pulcinella, por exemplo?

Acho que não tive essa intenção de criar algo neo-barroco ou neo clássico embora tenha partido do tema de Purcell. As peças da suíte são bastante contrastantes em caráter e colorido. Obviamente sou grande fã do neoclassicismo stravinskyano...

9) Que outras obras orquestrais você escreveu antes da Suite? (Sei de uma sinfonia sua premiada...).

Tenho “Ommagio a Berio”, abertura sinfônica que venceu o concurso Camargo Guarnieri, tenho a Sinfonia Elegíaca que venceu o concurso Sinfonia para Mário Covas, Sarau pro Vadico (fantasia baseada em temas do Vadico, parceiro do Noel Rosa), Enigmas (para contrabaixo e sopros), Variações “strange romance”, Variações “Forrolins” (escrita para o primeiro concerto da OSESP e Banda Mantiqueira), Fantasia para piano e orq. sobre “É doce morrer no mar” (tema de Caymmi) e numerosos arranjos para formações orquestrais.

10) Ao ouvir o Prelúdio da obra e ao ler sua descrição do

**Maracastrava**, temos a impressão de que em sua música não há espaço para antigas polarizações: **Tonal x Atonal**, **Nacionalismo x Internacionalismo**, etc. Comente a respeito, situe sua música orquestral no cenário musical brasileiro.

De fato não tenho nenhuma forte inclinação nacionalista embora ame este país e não tenha intenção de morar fora. Gosto de trabalhar com materiais genuinamente brasileiros mas não forço nunca um tom nacionalista. Por ser um compositor autodidata, não

proveniente de alguma escola de composição, fico à vontade com uma ampla palheta de possibilidades estilísticas. Talvez eu seja uma espécie de “poliestilista” mas obviamente ninguém quer ser rotulado. Criar pontes estilísticas me atrai muito e, a meu ver, é algo muito atual.

11) As três danças Imaginárias inspiradas na obra de Cortázar diferem muito de suas companheiras, as Danças Reais?

Acho que nas danças fantásticas há certo “exotismo” no gesto musical, danças de um outro mundo, talvez sem gravidade ou atmosfera. Tentei criar um todo coeso mesmo com tantos contrastes.

12) Qual sua próxima obra orquestral?

Atualmente estou finalizando duas obras de câmara: “Choro Breve” e “Variações Villa-Lobos”. O arranjo para o concerto de final de ano da OSESP está na impressora agora. Começo agora a compor um balé encomendado pela Banda Sinfônica do Estado e Cisne Negro. Novas encomendas serão muito bem vindas!

Entrevista realizada por Roberto D' Ugo Júnior em 2006.